

Influência das redes sociotécnicas na formação de espaços autônomos

Laurine Sézérat (1) Victor Andrade (2)

(1) PROURB- FAU, UFRJ, Brasil. E-mail: : sezerat.laurine@gmail.com

(2) PROURB- FAU, UFRJ, Brasil. E-mail: : victorandrade@fau.ufrj.br

Resumo: *Através da lente do movimento socioartístico das fanfarras cariocas, este artigo busca destacar as potencialidades do uso das tecnologias de comunicação e informação (TICs) na constituição de espaços coletivos autônomos e no processo de apropriação do espaço público. Com efeito, a difusão do uso das TICs nos nossos ambientes cotidianos está na origem de formação de redes socioespaciais e reconfiguração das práticas nos espaços urbanos. As TICs favorecem novas formas horizontais e coletivas de organização de eventos no espaço público que redefinem as fronteiras entre o poder público e os cidadãos no processo da construção e gestão da cidade. Estas novas formas questionam quanto ao crescimento das dinâmicas informais na cidade contemporânea.*

Palavras-chave: *Dinâmicas informais, TICs, Movimento autônomo, Espaço público.*

Abstract: *Through analysis of movement of fanfare in Rio de Janeiro, this article aims to identify the potential of the use of information and communication technologies (ICTs) in the constitution of autonomous collective spaces and the process of appropriation of public urban space. Indeed, the diffusion of use of ICTs in your daily environment is at the origin of a reconfiguration of practices in urban spaces and a mutation of relational forms. ICTs favour new horizontal and collective forms of organization of events in the public space that redefine the boundaries between government and citizens in the construction and managing of the city. These new forms question about the growth of informal dynamics in the contemporary city.*

Key-words: *Informal dynamics, ICTs, Autonomous movement, Public space.*

1. INTRODUÇÃO

Através da lente do movimento socioartístico das fanfarras, este artigo busca destacar as potencialidades do uso das TICs na constituição de um espaço coletivo e no processo de apropriação do espaço público. Com efeito, a difusão das TICs no meio ambiente favorece a ação coletiva, ou seja, o sentimento de pertencimento a um mundo comum (Arendt, 1981) e traz uma forma de poder. “O poder é a capacidade que os homens têm de agir em conjunto, o que, por sua vez, requer o consenso de muitos quanto a um curso comum de ação.” (Arendt, 1981) Esse fenômeno redefine as fronteiras do espaço dominado (Lefevre 2000, Harvey, 2006) no âmago das sociedades contemporâneas e questiona o papel do poder público sobre estes espaços coletivos, ligados a uma organização autônoma “por baixo”.

Nestes últimos cinco anos estamos em um momento especial da democracia brasileira, de explosão das manifestações de rua e de muito debate em torno das mesmas e observamos no Rio de Janeiro um crescente movimento de ocupação dos espaços públicos por grupos musicais de fanfarras. (Herschmann, 2013) Estas iniciativas artísticas geram processos de reterritorialização, apropriação dos lugares ocupados (Santos, 2002) e vem ressignificar esteticamente e politicamente o ritmo, a imagem e o cotidiano da cidade do Rio de Janeiro.

As fanfarras cariocas se consideram “neofanfarras” e as reivindicam como um ato político de ocupar o espaço público.

“Qualquer artista ou pessoa que trabalha com o grande público, tem uma responsabilidade ao atuar no espaço público. Tem uma responsabilidade histórica, social e ecológica com o mundo que o cerca. Se o músico se omite, está compactuando com o que já está aí. Assim, a ideia de “neo” representa uma rejeição àquela proposta anterior, não contra as fanfarras tradicionais, mas aquela postura do fanfarrão alienado que não valoriza o ato político de ocupar o espaço público. Então, o ‘neofanfarrismo’ tem este lado ativista. Não é só acreditar num formato musical, mas é assumir uma posição mais crítica.”¹ (Herschmann, 2013, p.36)

Assim, as fanfarras ocupam a rua clamando de forma implícita ou explícita por seu “direito à cidade”. (Lefebvre, 2000) Elas investem, animam lugares da cidade e conseguem reunir um público que também contribui na redefinição e apropriação destes lugares.

As fanfarras cariocas são organizadas de forma autônoma através das redes sociais. Ao lado das formas tradicionais de comunicação, elas comunicam-se entre si por redes sociais, principalmente pelo Facebook, e usam todas as formas de comunicação digital (vídeos, posts, associados a hashtags, tweets, etc.) para se produzir. Assim, considerando a comunicação como o processo que coloca a ação em comum (Santos, 2005 ; Arendt, 1981), a inovação tecnológica tem portanto um papel considerável na realização destas manifestações socioartísticas e formas de (re)conquista da rua.

A ação coletiva resulta de uma relação entre os homens (Arendt, 1981). Ela só pode se realizar no espaço (Ribeiro, 2012) e as TICs ampliam a capacidade de ação humana nos lugares pelos processos de compartilhamento e possibilidades de cooperação. Entre os indivíduos “são redes sociotécnicas que possibilitam a associação de sujeitos coletivos, auto-organizados em torno de objetivos compartilhados de ação” (Egler, 2014, p.6) As tecnologias digitais reconfiguram assim as formas de organização social “por baixo” “na medida em que inventa uma forma e uma comunicação atemporal e aterritorial, redefinidoras dos fluxos de comunicação.” (Egler, 2014, p.2)

Estas formas alternativas de organização social introduzem uma nova dimensão socioespacial e possibilitam formas ubíquas de interação social. As fronteiras do espaço apagam-se para criar um espaço híbrido (SANTOS, 1996). “Território pós-metropolitano é uma geografia de acontecimentos, ativações de ligações, que atravessam espaços híbridos. O limite do espaço contemporâneo só é dado pela fronteira de rede de comunicações.” (Cacciari, 2013, p.54). Essa dimensão híbrida do espaço é uma característica relevante da organização da sociedade contemporânea e tem uma influência na cidade tanto em termos de confrontações sociais como de reconfigurações urbanísticas.

2. OBJETIVOS

As redes sociotécnicas permitem um espaço de comunicação ubíqua (Levy, 1999) que favorecem a formação de coletivos sociais de ação autônoma. As TICs criam uma organização social reticular onde os fluxos são capazes de ligar um número indefinido de indivíduos para participar destes coletivos.

Através da lente da rede sociotécnica das fanfarras cariocas e a análise de suas ações no espaço público, nosso objetivo é mostrar como as TICs favorecem a formação de espaços coletivos de

¹ Entrevista com Juba Pires, trombonista dos grupos Orquestra Voadora e Os Siderais (Herschmann, 2013)

autonomização da vida social implicando em um processo de apropriação do espaço público e dessa forma redefinem as relações com o poder público.

Em primeiro lugar, trata-se portanto de mostrar a influência das TICs na formação e organização deste movimento socioartístico. O uso das TICs possibilita a formação de redes sociais em comunicação contínua (Levy, 1999) mas também a mediação da experiência. Estas participam da criação de uma coesão social entre os músicos baseada tanto sobre afinidades e um objetivo comum -tocar- quanto a criação de um imaginário coletivo.

Em seguida, queremos mostrar que este fenômeno reinventa as possibilidades de ações das fanfarras de rua e de realização das suas intervenções no espaço público. Ou seja, indagar sobre as formas alternativas de organização dos eventos na rua e como possibilitam uma apropriação dos lugares ocupados.

Enfim, trata-se de avaliar estas observações a luz da gestão dos espaços da cidade pelo poder público.

3. JUSTIFICATIVA

3.1. Ciberespaço e comunicação ubíqua

A difusão das TICs no meio ambiente introduz uma nova dimensão social e espacial definida como o *ciberespaço*, ou seja, “o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores”. (LÉVY, 1999, p.92) Segundo Pierre Lévy, o *ciberespaço* descreve tanto a infraestrutura material desta comunicação digital, como “o universo de informações que ele abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam este universo.” (1999, p.17) Este meio de comunicação interliga pensamentos e dissemina novos padrões de comunicação e de sociabilidade. Ele introduz uma nova condição e dimensão espacial que referencia não só o desenvolvimento dos processos culturais, como também a possibilidade de explorar formas de convivência ligadas as “transmissões instantâneas de informações a distância.” (Lévy, 1999, p.25). “O *ciberespaço* transforma o espaço na medida em que inventa uma forma e uma comunicação atemporal e aterritorial. (...) e possibilita a formação de um espaço que transforma os processos de comunicação e coesão social.” (Egler, 2014, p.3)

Assim, através de mapas interativos, computadores, GPS, telefones, celulares, cada vez mais estamos conectados aos outros e ao nosso meio ambiente. A comunicação ubíqua e a formação de redes sociotécnicas implica uma diluição das fronteiras do espaço e rompe “os padrões espaciais de comportamento em uma rede fluída de intercâmbios que forma a base para o surgimento de um novo tipo de espaço.” (Castells, 1999, p.487) Neste contexto, o espaço urbano não é somente um espaço tangível da cidade mas faz parte também de um espaço intangível e, por analogia, o espaço social tem também essa dicotomia.

3.2. Espaço híbrido e afinidades espaciais

Esta dimensão híbrida do espaço (Santos, 1994) é uma característica principal da organização da sociedade contemporânea e tem uma influência tanto em termos de reconfigurações urbanísticas como de confrontações sociais. O desenvolvimento passa a espalhar, ao lado da tradicional comunicação de massa, novas formas de interações entre os indivíduos.

Por exemplo a visualização aumentada com a influência das tecnologias de captura de dados e especialmente de representação do espaço contribui para uma “visibilidade” do espaço urbano e uma conectividade entre os indivíduos, as estruturas e os lugares no espaço. Esta coesão digital entre os indivíduos redefine-se também pela capacidade das TICs de aumentar nossa capacidade de estocar informações que podem tanto se referir a sensações, situações, lugares ou pessoas. As TICs compõem uma memória coletiva que pode ser associada à memória de grupos sociais. A memória coletiva é muito importante quanto à modalidade da experiência espacial, no sentido em que revela uma forma de compartilhamento social da experiência. Em um grupo de indivíduos, ela refere-se à identidade, as representações, aos valores comuns, revela as características de uma cultura e fortalece as possibilidades de interpretações do espaço coletivo. (Halbwachs, 1950)

Assim, seja através da visualização aumentada ou pela construção de memória coletiva, a mediação coletiva da experiência espacial cria um conjunto de conhecimentos coletivos. Estes conhecimentos são tanto ligados aos espaços urbanos quanto às relações sócio-espaciais. As TICs são capazes de suscitar um sentimento de pertencimento e coesão social, diretamente ou indiretamente, com relação ao espaço urbano mas também em torno de centro de afinidades comuns. Elas permitem “associações sociais empáticas” (Maffesoli, 2000). Cada um pode se associar simultaneamente a vários grupos efêmeros. Podemos comparar esse fenômeno de agrupamento à noção de “tribo” desenvolvida por Michel Maffesoli (2000) onde a mediação digital das experiências participa de lógicas de coesão comunitária:

“No fenômeno do neo-tribalismo, (...) a tribo é um evento, uma cristalização momentânea que vem do compartilhamento de paixões. (...) Michel Maffesoli descreve este processo como a expressão “ética da estética”: assistamos as formas de sociabilidade baseadas sobre um ethos, ou seja, um comportamento relativo que baseia-se sobre o compartilhamento de uma aesthesis, de emoções e paixões.

Novas tecnologias de comunicação permitem portanto, ao mesmo tempo, a formação de “comunidade”, ou seja, agregações estruturadas entre indivíduos, com estruturas hierarquias e instrumentais, e a cristalização de “tribos”: formas de associações efêmeras, transversais e empáticas, entre as pessoas atuando no teatro da existência cotidiana” (Casalegno, 2001, p.162)

Observam-se cada vez mais comunidades, nascidas em torno de um interesse comum, ou de “tribos”, mais efêmeras, que organizam-se pelas redes sociais e as ferramentas digitais para criar ações coletivas no espaço público.

Estas formas de coesão social reticular favorecem a realização de projeto coletivo “por baixo”, por trocas de decisões e informações entre cidadãos. “Por intermédio da gestão digital das informações, os cidadãos passam de usuários e destinatários de um projeto ou de uma obra a co-autores e criadores do próprio território, influenciando e modificando a característica do mesmo por meio da sua ação tecnologicamente mediada.” (Di Felice, 2009, p.248)

3.3. TICs e ação coletiva

Seja a criação de eventos pelo Facebook, a organização de manifestações políticas (junho 2013), a realização de happenings artísticos (flashmob) ou a organização, o financiamento e a realização do Festival HONK RIO², o papel das TICs é muito relevante na capacidade de informar e

² O festival Honk!RIO é um festival internacional de fanfarras. A primeira edição aconteceu do 6 ao 9 de agosto 2015. Ele foi organizado e financiado de forma completamente informal e autônomo por membros das fanfarras cariocas, principalmente pelo uso das TICs.

reunir os indivíduos. As TICs auxiliam da realização de ação coletiva “por baixo” e, dessa maneira, da ocupação do espaço público, da fabricação e gestão da cidade:

“Redes constituem a nova morfologia social de nossas sociedades, e a difusão da lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura. Embora a forma de organização social em redes tenha existido em outros tempos e espaços, o novo paradigma de tecnologia da informação fornece a base material para sua expansão penetrante em toda a estrutura social.” (Castells, 1999, p. 18).

Estamos portanto em um novo modo de produção e apropriação do espaço social e político (LUSSAULT, 2007) ligado ao potencial das TICs de transformar a experiência urbana na cidade contemporânea. Uma organização coletiva, reticular, “por baixo”, que possibilita formas de apropriação do espaço público de forma espontânea, efêmera, informal.

Por isso, a análise da prática da cidade contemporânea necessita levar em conta essa hibridação do espaço urbano. Trata-se de analisar o uso de tecnologias digitais na formação das redes sociais e na realização de ações coletivas no espaço público para entender como formam-se novos espaços de vida coletiva e como isto redefine o papel do poder público na criação da cidade contemporânea.

4. MÉTODO EMPREGADO

4.1. Escolha de um tipo de ação coletiva

Com as TICs, as lógicas de afinidades socioespaciais contemporâneas inscrevem-se em uma nova dinâmica de sociabilidade, de experiência dos lugares e maneiras de apropriação dos espaços públicos contemporâneos. Escolhemos observar esses mecanismos intangíveis através da lente do movimento socioartístico das fanfarras carioca e o grupo Facebook Assopra.

Assopra é o nome de um grupo no Facebook que reúne membros do bloco de carnaval da Orquestra Voadora. No início da criação da oficina do bloco em 2013, o grupo foi criado para facilitar a comunicação entre os membros. Rapidamente esse grupo começou a ser usado por outros músicos, que não fazem parte necessariamente da oficina mas praticam a música com a mesma filosofia da Orquestra Voadora.

Orquestra Voadora é uma fanfarra carioca nascida em 2008 no Rio de Janeiro. A originalidade das suas apresentações é principalmente a origem do seu sucesso. Seja no palco ou na rua, os músicos tentam sempre afastar-se da relação clássica com o público, quebram as fronteiras da “quarta parede³”, tocam de maneira espontânea e criam interações fortes com os ouvintes. O ambiente de proximidade criado em torno dos músicos pode ser definido como carnavalesco. Esta dinâmica cênica existe também na pedagogia das suas oficinas.

Vários músicos passaram pela oficina do bloco da Orquestra Voadora. Hoje em dia, eles continuam a se reunir, formam novas fanfarras, tocam e ensaiam na rua. Estes encontros que reúnem músicos de outros horizontes também, participam da ocupação das ruas do Rio.

³ “Em teatro, A quarta parede é uma parede imaginária situada na frente do palco, através da qual a plateia assiste passiva à ação do mundo encenado.” Wikipedia: Quarta parede.

Além da música, a intenção desses encontros é social. Trata-se de criar relações em torno de uma prática artística e lúdica. Mas ela é também política, no sentido que ela fabrica um espaço coletivo na origem de uma apropriação do espaço público.

4.2. Imersão física e digital no grupo Assopra

O grupo Assopra está estabelecido no espaço virtual com 530 membros. Ele transborda para o espaço físico de maneira informal. Assim o exemplo desse grupo permite colocar em evidência uma interpretação da experiência urbana atual, com a relevância das sociabilidades que são construídas tanto em torno de experiências sociais quanto das tecnologias de comunicação.

A coleta e análise de dados da pesquisa passa por uma imersão física e digital no grupo, tanto no ciberespaço quanto nos lugares de encontros. Esta observação participativa é complementada com enquetes por questionários e entrevistas com diferentes músicos. O desafio é conseguir observar as articulações entre espaço, ações coletivas e TICs na construção de um cotidiano e de um imaginário coletivo nas urbes contemporâneas.

5. RESULTADOS OBTIDOS

Embora nossa pesquisa tenha um objetivo definido, os resultados obtidos durante o trabalho de coleta de dados podem surpreender, na medida que podem acontecer eventos imprevisíveis.

Nesse caso, foram alguns membros do grupo Assopra que decidiram reproduzir no Rio de Janeiro o Honk festival, um festival ativista de fanfarras que acontece todos os anos nos Estados-Unidos.

Em menos de três meses, eles organizaram o “Honk!Rio”. Para isso, criaram um grupo no Facebook para relacionar os membros da produção. O evento foi portanto produzido por 28 músicos de Assopra, que se dispuseram a trabalhar na organização de graça e tocar de graça também. Assim, toda a comunicação foi online. Desde o início na divulgação do crowdfunding para financiar o festival até a divulgação da programação do festival e toda comunicação do mesmo.

Eles organizaram o festival sem nenhum patrocínio. Uma boa parte do dinheiro veio de um crowdfunding feito pelos organizadores no site “benfeitoria”. As “recompensas” das doações, produzidas com o próprio dinheiro da benfeitoria, foram desenvolvidas gratuitamente por pessoas que apoiavam o evento:

“Foi fácil? Não, foi muito difícil. Tudo que planejamos deu certo? Não, mas deu tudo certo no evento como um todo. Lidar com 26 grupos musicais sendo que cada um tinha aproximadamente 15 integrantes foi uma tarefa praticamente louca. Trabalhei tanto com a minha profissão oficial, sou publicitária, quanto com qualquer outra coisa que fosse necessário. Vi todo mundo, que se propôs a isso, colocando a mão na massa, trabalhando todos os dias.”⁴

A principal comunicação do público com os organizadores era através das redes sociais, pelo perfil do evento, e a cobertura em tempo real. A divulgação do material visual colhido durante o evento que não foi postado instantaneamente também será feita através das redes sociais. Eles utilizam os seguintes canais: facebook e youtube no início da divulgação do evento com teasers e divulgação do

⁴ Sabrina Bairros, publicitária, membro da organização do Honk!Rio, administradora do grupo Facebook Assopra, saxofonista na fanfarra Damas de Ferro, entrevistada dia 12 de agosto 2015.

crowdfunding , facebook com página e evento para divulgação do evento e da programação e relacionamento com o público alvo, e durante o evento foi utilizado o facebook e o instagram para cobertura e relacionamento.

“Após ser recolhido todo o material visual (fotos e vídeos) os canais mais prováveis de divulgação dos mesmos serão youtube, facebook, vimeo e flickr. Se não fosse a praticidade de web e dos canais sociais o festival não teria condições de arcar com o custo da publicidade. A internet é o meio mais barato e de rápido retorno para qualquer produto ou serviço e hoje é fundamental para projetos independentes.”⁵

Pelas tecnologias digitais, o festival tinha uma estrutura organizacional flexível, interativa, autônoma, horizontal que possibilitou a união das pessoas para o exercício de uma ação coletiva.

A primeira edição do festival “Honk!RiO” aconteceu do dia 6 a 9 de agosto 2015, ou seja, 4 dias de festival nas ruas do Rio de Janeiro, com 26 grupos musicais de aproximadamente 15 integrantes originados do Brasil, Estados-Unidos e Chile. Os grupos tocaram em vários lugares diferentes do Rio de Janeiro: na praça XV, na Gamboa, no Complexo do Alemão, em Santa Teresa, em Niterói e fizeram um cortejo ao longo da praia de Copacabana.

Todos estes lugares foram apropriados de forma efêmera pelos músicos e público mas também por outros participantes informais como os vendedores de rua. Estes espaços nascidos a partir de dinâmicas híbridas, entre formas de comunicação tradicionais e digitais, transformam as relações de poder no espaço público.



FIGURA 1 – Abertura do Honk!RiO, fanfarras Siderais. Fonte: Laurine Sézérat (2015).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos mostram através da lente do movimento sócio-artístico das fanfarras cariocas, e particularmente com o exemplo da organização do festival Honk!RiO, como as TICs têm esta capacidade de facilitar a ação coletiva, forma de poder pelo qual os indivíduos apropriam-se e

⁵ *Idem.*

dominam os espaços públicos. (Arendt, 1981) Podemos assim constatar o paradoxo da cidade contemporânea, onde as formas de apropriação do espaço não são necessariamente relacionadas com parâmetros espaciais.

Mesmo não sendo utilizadas com uma intenção política explícita, as TICs participam do desenvolvimento de uma cidadania alternativa “partindo do pressuposto de que ser cidadão é vivenciar a cidade, experienciá-la, pensá-la, senti-la, olhá-la, tocá-la, apropriando-se e reinventando o cotidiano pelos diferentes “modos de fazer” por meio das astúcias, táticas de resistência e práticas de ocupação urbana” (De Certeau, 1994) e questionam quanto ao crescimento das dinâmicas informais na cidade contemporânea, seja de ponto de vista cultural, social, econômico ou político.

Como o uso das TICs pelos cidadãos é cada vez mais importante, as dinâmicas informais na cidade vão tornar-se cada vez mais comuns. Desta forma, as TICs estão ampliando o espaço da informalidade na sociedade, favorecendo a hibridação da cidade formal com a cidade informal. (Boaventura, 2004) Este fenômeno está influenciando a redefinição das fronteiras entre o poder público e os cidadãos no processo da construção e gestão da cidade e daí desenvolver uma nova forma de democracia urbana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDR, Hannah. *A condição humana*. São Paulo: Rio de Forense Universitária, Salamandra, Editora da Universidade de São Paulo, 1981.

CACCIARI, Massimo. *A cidade*, Barcelona: Gustavo Gili, 2010.

CASALEGNO, Federico. *Mémoire collective et “existence poétique” en réseaux. Éléments pour la compréhension des rapports entre nouvelles technologies, communautés et mémoire*. MEI “Médiation et information”, no 15, Massachusetts: MIT, 2001.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

CERTEAU, Michel de. *L’invention du quotidien. 1. Arts de faire*, Paris: Gallimard, 1990.

EGLER, Tamara. *Da rede para a rua: tecnologia e radicalização da democracia*, XII Seminário internacional da rede ibero-americana de pesquisadores sobre Globalização e Território, Salvador, 1 a 4 de Setembro 2014.

FELICE, Massimo di. *Paisagens pós-urbanas. O fim da experiência urbana e as formas comunicativas do habitar*, São Paulo: Annablume, 2009.

HALBWACHS, Maurice. *La mémoire collective*, Paris : Les Presses universitaires de France, 1950.

HERSCHMANN, Micael. *Ambulantes e prontos para a rua: algumas considerações sobre o crescimento das (neo) fanfarras no Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro: UERJ, 2013.

HARVEY, David. *A produção capitalista do espaço*. 2a edição. São Paulo: Annablume, 2006.

LEFEBVRE, Henri. *La production de l'espace*, Paris: Anthropos, 2000.

LEVY, Pierre. *L'intelligence collective*, Paris: Broché, 1997.

LUSSAULT, Michel. *L'homme spatial. La construction social de l'espace humain*, Paris: Seuil, 2007.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo dos tribos. O declino do individualismo nas sociedades de massas*, Paris: La Table Ronde, 2000.

RIBEIRO, A. *Por uma sociologia do presente: ação, técnica e espaço*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2012.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: HUCITEC, 1996.

SANTOS, Milton. *Técnica, Espaço e tempo. Globalização e meio técnico científico*. São Paulo: Editora Afilhada, 1994.

SOUSA SANTOS Boaventura de. *Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado*, São Paulo: Cortez, 2004.